

## **Jornalismo literário colocado à prova: uma análise do livro-reportagem "Esqueleto na Lagoa Verde" de Antônio Callado<sup>1</sup>**

Lilian Juliana MARTINS<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

### **Resumo**

No relançamento do livro reportagem de Antônio Callado, "Esqueleto na lagoa Verde", de 1953, o colunista Daniel Piza do Estadão publicou uma crítica dizendo que o livro seria um contraponto ao que, hoje, tem-se chamado no Brasil de "Jornalismo Literário". O jornalista, criticando o excesso do uso e a falta de critério para a utilização do termo, indicou o livro como uma referência sobre uma reportagem que, de fato, poderia ser classificado como tal. Este artigo analisa a reportagem e, a partir de um percurso metodológico fundamentado nas teorias sobre jornalismo literário e sobre as aproximações entre jornalismo e literatura, verifica que a constatação de Daniel Piza pode ser confirmada.

**Palavras-chave:** jornalismo impresso; jornalismo literário; livro-reportagem.

A história da reportagem de Antônio Callado, publicada originalmente em 1953, tem como tema um instigante desaparecimento que nunca foi desvendado. Em 1925, um coronel britânico, Percy Harrison Fawcett, desbravou o interior do Brasil na tentativa de encontrar uma fabulosa cidade perdida, que o Fawcett chamava de Z. O coronel tinha provas de que a Atlântida brasileira existia e poderia se encontrar tanto no Mato Grosso como na Bahia. Faziam parte da equipe Jack Fawcett, o filho do coronel, e Releigh Rimmel, amigo do filho. Os três desapareceram. Muitas expedições de resgate a Fawcett e sua equipe se sucederam<sup>3</sup>. Todas sem sucesso.

Os motivos sobre o sumiço dos três expedicionários se perdiam nas versões contadas pelos índios. As histórias se complementavam e se contradiziam. Muitos sustentavam que Fawcett estaria vivo, morando com os índios depois de se desiludir com a civilização ocidental. Outros diziam que ele teria sido assassinado depois de um desentendimento com

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Lilian Juliana Martins é doutoranda do programa de Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista - Bauru, sob orientação do professor Dr. Marcelo Magalhães Bulhões. Email: lilian.juliana@gmail.com

<sup>3</sup> Entre as obras disponíveis no Brasil que trazem o caso Fawcett estão "A Verdadeira História de Indiana Jones, de Hermes Leal (Geração Editorial, 19996) e "Z- a Cidade Perdida", de Daviid Grann (Cia das Letras, 2009).

uma das tribos. Ainda existiam relatos sobre os aventureiros terem sido devorados por canibais.

Vinte sete anos depois do desaparecimento misterioso, em 1952, o sertanista Orlando Villas Boas obteve dos índios calapalos a confissão de que teriam assassinado Fawcett e seus companheiros. Os índios também disseram onde teriam enterreado os corpos. De fato, perto de uma lagoa verde, em uma cova rasa, ossadas foram encontradas.

Brian, o outro filho do coronel britânico, veio da Inglaterra acompanhar se a história era verídica. Assis Chateaubriand, que acompanhava o caso desde o princípio, acreditou que ali estaria uma boa história e escalou um time de repórteres da revista O Cruzeiro para acompanhar a equipe que iria averiguar a natureza dos ossos. O jornalista Antônio Callado, na época do Correio da Manhã, foi convidado por Chatô para participar da viagem ao Xingu e saber, de vez, se seriam mesmo os ossos de Fawcett e seus companheiros.

Nada foi provado. As arcadas dentárias dos ossos encontrados perto da lagoa verde não correspondiam aos registros físicos da equipe de aventureiros<sup>4</sup>. Mesmo sem dar um final para a história, a tentativa de reconstituir os passos do explorador britânico foi publicada em 1953, por Antônio Callado, no livro-reportagem "Esqueleto na Lagoa Verde".

Considerado uma referência sobre relato jornalístico no Brasil, o livro foi reeditado, em 2010, pela editora Companhia das Letras em sua coleção "Jornalismo Literário". Davi Arrigucci Jr, em um dos dois pós-fácios dessa edição do livro (o segundo é de Mauricio Stycer) diz que o que Callado fez foi "uma espécie de desconstrução da reportagem tradicional". O relato em primeira pessoa coloca de lado qualquer ideia sobre isenção jornalística. Está ali um investigador atento às pistas e declarações das testemunhas, mas que, ao mesmo tempo, duvida de sua própria tradução dos fatos. Sem esconder suas interpretações do leitor, já no começo de sua reportagem, Callado desaponta o espectador que acredita que ele teria desvendado o caso:

Assim, fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial a falta de ortodoxia é insuportável: não conseguimos identificar o cadáver encontrado e nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Acharmos que a história valia a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas obsevações, principalmente

---

<sup>4</sup> No texto "O mistério do Coronel Fawcett", publicado no site do Estadão, Luiz Zanin Oricchio conta que ainda que não se tenha confirmado que os ossos eram do britânico, Villas Boas acreditava o contrário. "O sertanista conservou o esqueleto em sua casa, debaixo da cama, por 18 anos, até que, pressionado por sua mulher, enviou-o ao Instituto Médico Legal da USP, onde espera por um teste de DNA que os remanescentes da família Fawcett se recusam a realizar. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-misterio-do-coronel-fawcett-imp-,565328>: Acesso em: 13 de jul. 2016.

ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios. (CALLADO, 1977, p. 99)

Grande parte da reportagem é mesmo o testemunho sobre a vivência da equipe com os índios. A experiência no Xingu forneceu extenso material para Callado escrever seus romances. Em Quarup, publicado em 1967, considerado sua grande obra, estão personagens e situações claramente inspiradas no que o jornalista testemunhou na sua investigação no interior do Brasil. Metáfora sobre o país nos tempos da ditadura e da luta armada, Quarup traz como centro mítico do Brasil um gigantesco formigueiro situado, justamente, no meio do Xingu.

O envolvimento de Callado com o literário marca sua trajetória jornalística e faz com que a intersecção entre jornalismo e literatura seja uma das principais características de suas reportagens. Naturalmente, o livro-reportagem "Esqueleto da Lagoa Verde" traz marcas desse dialogismo comum para Callado de forma a fazer com que a reportagem possa ser categorizada dentro dos preceitos do jornalismo literário. Assim o fez, inclusive a Companhia das Letras. Como já mencionado, quando republicou a narrativa de Callado, em 2010, a editora colocou o livro-reportagem dentro da coleção "Jornalismo Literário".

Sobre essa nova edição, o jornalista cultural e colunista do Estadão Daniel Piza escreveu:

O relançamento do livro-reportagem de Antonio Callado, Esqueleto na Lagoa Verde, de 1953, pode servir de contraponto ao que hoje no Brasil se tem confundido demais como “jornalismo literário”. Este não se resume a contar historinhas curiosas, com lides engraçadinhos ou recheados de dados inúteis, nem se parece com crônica ou memorialismo. Agora qualquer repórter piauiense que descreva um gesto trivial do entrevistado, ou conte que levou 47 passos até a casa dele, acha que está fazendo “jornalismo literário”... O livro de Callado nem tem um fio narrativo bem traçado ou dois fios bem amarrados, já que conta a viagem de Percy Fawcett pela cidade perdida na Amazônia e sua própria viagem, quando esteve no Xingu pela primeira vez, quinze anos antes de escrever seu grande romance Quarup. Mas Callado não tem medo de mesclar análise e opinião à descrição e tem um estilo próprio, que dispensa truques afetados como trocar “canto do galo” por “sinfonia galiforme”. (PIZA, 2010)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/o-jornalismo-literario-de-antonio-callado/>>. Acesso em: 13 de jul. 2016.

A expressão "repórter piauiense", como foi esclarecido pelo próprio Piza nos comentários sobre o texto, refere-se ao estilo de reportagem feito pela revista Piauí<sup>6</sup>. Lançada em 2006, a revista é uma das principais referências de publicação no Brasil que trazem textos que poderiam categorizados como "jornalismo literário". Para Piza, muitas das reportagens que são chamadas de "jornalismo literário" se resumem a "contar historinhas curiosas, com lides engraçadinhos". Em contraposição a essas reportagens, estariam narrativas jornalísticas como a produzida por Callado.

Considerando tal crítica, este artigo pretende, ao analisar trechos do livro-reportagem "Esqueleto da Lagoa Verde", verificar se a constatação de Piza poder ser confirmada. Para tal objetivo, será conceituado o termo "jornalismo literário", sobretudo, a partir das considerações de Edvaldo Pereira Lima (1995). Seguindo, principalmente, as discussões de Marcelo Bulhões (2007), serão apresentadas reflexões sobre quando as aproximações entre jornalismo e literatura repercutem em um texto que, de fato, pode se tornar referência para os estudos sobre jornalismo literário.

### **Jornalismo literário: a atração de opostos**

Para a análise sobre a forma com que a reportagem de Callado sobre o desaparecimento de Fawcett poderia ser categorizada como "jornalismo literário", é preciso conceituar rapidamente jornalismo, literatura e, finalmente, "jornalismo literário".

A definição mais compartilhada sobre o jornalismo é aquela que recai sobre a natureza de um certo parentesco, ainda que presunçoso e imprudente, com a História. Jornalismo é a atividade que apura os acontecimentos, torna os fatos observáveis, procura comprová-los e torná-los palpáveis para serem transmitidos como produtos com a insígnia da veracidade e da credibilidade. "Com isso, estaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do 'real', fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo", explica Marcelo Bulhões (2008) no capítulo "Jornalismo e literatura: incompatibilidade de gênios" do seu livro "Jornalismo e Literatura em Convergência". Diante do mundo que espera ser apreendido de forma "isenta" e "imparcial", a linguagem jornalística aparece como meio.

Já na literatura, sua natureza está justamente naquela que percebe a linguagem como fim. A linguagem na literatura é o centro das atenções, ela é portadora de potencialidade expressiva que pode recriar o verbal e destituí-lo de sua função cotidiana e costumeira.

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://piaui.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

Assim, todo texto literário se torna insubstituível, impregnado de valor único e indissociável à obra.

Se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser "enformado", ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que antes não existia. Nesse sentido, todo texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz (BULHÕES, 2008, p. 14).

Estas distinções vêm, como lembra Bulhões, de iniciativas realizadas no século XX para sublinhar a distinção entre as duas manifestações. No início do século, os estudos dos formalistas russos encontraram o objeto da literatura: a literalidade, ou seja, a capacidade que as produções literárias têm de lidar com seu uso da linguagem, desviando-o da trivialidade.

Do outro lado, a partir da segunda metade do século XX, o modelo americano de se fazer jornalismo se espalhou pelo mundo. Nele, a padronização textual, marcada pela precisão e homogeneização da linguagem, foi determinada como necessária para corresponder ao efeito de objetividade. Por esta percepção do jornalismo, qualquer elemento linguístico considerado acessório ou decorativo seria descartado.

Com estas diferenciações, o afastamento entre jornalismo e literatura foi sendo cravado pela urgência informativa necessária à produtividade industrial da notícia. A preocupação total com o fato no jornalismo se fixou do lado apostado ao desregramento e à fantasia possíveis na ficção.

A literatura corresponderia à capacidade de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, a da atividade imaginativa. Já o jornalismo teria como função a compreensão sobre a própria vida, aquela que pode ser retratada de forma plausível e demonstrável, contrária a qualquer produto de ficção ou fantasia.

Se, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para o consumo imediato (LAGE, p. 38, 2006).

Mas definições como essa colocam a ficcionalidade e a factualidade em campos distintos, em compartimentos que as separam, deixando-as imaculadas. É como dizer, ingenuamente, que a ficcionalidade é exclusivamente associada à ideia do improvável e do incomunicável com o real empírico. E que o jornalismo, sem considerá-lo fruto da

individualidade subjetiva de quem o produz, é capaz de apreender o real, de registrar realidades comprováveis.

Os que acham que só é jornalismo a matéria pura e reducionisticamente factual, presa à antiga fórmula do que, quem, como, onde, porquê; descarnada de qualquer imersão significativa do repórter no olho do furacão de seu tema de abordagem. (LIMA, 1995, p.11)

Como lembrado por Lima, quando se assumem as respostas para as perguntas do lead como as únicas passíveis de apreender a realidade, comete-se o erro de acreditar que o jornalismo não é também um caleidoscópio subjetivo de diferentes versões. O “real”, no conturbado século XX, passou a ser um problema complexo que pode ser submetido a diferentes e contraditórias percepções.

Atingiu-se uma profunda desconfiança: a de que o real nunca é algo intacto ou puro, mas se dá a conhecer sempre como linguagem, na constituição dos discursos. Assim, aquilo que chamamos realidade factual nunca estaria a salvo de uma construção de linguagem, a qual, por sua vez, é moldada no palco das relações sociais e econômicas. (BULHÕES, 2008, p.22).

A noção sobre "jornalismo literário" está fundamentada, assim, na aproximação dessas duas instâncias, jornalismo e literatura, Edvaldo Pereira Lima define "jornalismo literário" da seguinte forma: "caracteriza-se pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de textos sobre a vida real. (...). Pressupõe um mergulho intenso do narrador no ambiente sobre o qual escreve"<sup>7</sup>.

A forma com que o repórter descortina a pretensa objetividade é outra característica dessa forma de fazer jornalismo. O jornalista literário considera a apreensão da realidade como algo a ser questionado. Na reportagem de Callado, essa dúvida sobre o "real" percorre a narrativa. Já no primeiro parágrafo da reportagem está o questionamento sobre o que se coloca à vista do repórter:

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culuene, na Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho mono-motor, uma sete horas antes: como é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres e mulheres estranhos, mongolóides, inteiramente nus, cerquem o avião?

---

<sup>7</sup> Trecho do texto "Registros breves para uma história futura do Jornalismo Literário. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/152-registros-breves-para-uma-historia-futura-do-jornalismo-literario>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

Mas inocência pega. Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados em fingir que não reparamos no nudez dos índios Passamos, ao contrário, encará-la com naturalidade. E a vitória foi puramente da inocência deles, da candura e da falta de malícia deles. (CALLADO, 2007, p. 97).

Ao mostrar ao leitor o processo produtivo pelo qual a reportagem foi construída, seria possível, segundo Fausto Neto (2007), que os leitores se tornem "co-sujeitos" do ato discursivo. O autor utiliza o conceito definido como "autorreferencialidade" para indicar textos em que o autor se faz presente como na reportagem de Callado.

Fausto Neto (2007) assinala que a forma com que o jornalista decide operar sua linguagem determina as possibilidades de produção de sentido de um texto. Duas possibilidades se colocariam para o jornalista: a "dimensão instrumental" e a "dimensão construcionista" da linguagem. Por meio da "dimensão instrumental", a linguagem estaria apenas a serviço do "ato de fala", sem considerar as subjetividades existentes no momento em que se decide por um ou outro caminho. É nessa primeira dimensão que reside a maior parte dos textos jornalísticos caracterizados como neutros e objetivos.

Do outro lado, se coloca a "dimensão construcionista" como aquela que entende o sujeito falante da enunciação jornalística imerso em complexas relações de operação da linguagem. Para explicar tal dimensão, Fausto Neto lembra que as decisões para a construção de um texto jornalístico não se fazem no vazio. Elas se acoplam e se subordinam a complexas situações demarcadas pela subjetividade. Além disso, ao possibilitar aos leitores perceberem o processo produtivo pelo qual passou a reportagem, seria possível, segundo o autor, transformá-los em "co-sujeitos" do ato discursivo. Eloísa Joseana da Cunha Klein (2013)<sup>8</sup>, que também desenvolve análises com este conceito, assinala de que forma a autorreferencialidade contribui para ampliar as leituras possíveis a partir de uma única pauta.

Entendemos que, ao tratar do que "se fez para fazer", os textos midiáticos terminam por fazer outras coisas e exploram a redação contínua com as características contextuais de tempo, sociedade, instituição, com as implicações técnicas e materiais e com as pessoas com as quais interage. (KLEIN, 2013, p.2)

---

<sup>8</sup> Os estudos de Antônio Fausto Neto, assim como os de Eloísa Joseana da Cunha Klein, tratam especialmente da autorreferencialidade nas reportagens televisivas. Em tais estudos, o programa "Profissão Repórter" da Rede Globo é o principal exemplo. Apesar dessa especificidade, tais análises, que consideram o as estruturas formais e tradicionais do fazer jornalístico, abrem espaço para uma dimensão analítica que também se aplica em reportagens impressas.



As marcas da autorreferencialidade no texto de Antônio Callado localizam sua produção dentro dessa dimensão "construcionista". Ao apresentar os "bastidores" de sua reportagem, novas leituras são apresentadas.

Apesar de não ser categorizada necessariamente como autorreferencialidade, a presença da voz autoral foi um dos principais recursos utilizados pelos jornalistas do New Journalism, ou Novo Jornalismo, uma das grandes contribuições para o desenvolvimento da concepção sobre jornalismo literário. Para Norman Mailer, uma das principais novidades do tipo de jornalismo que consagrou ele, Jimmy Breslin, Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote e Norman Mailer como novos jornalistas foi apresentar esse jornalismo enormemente personalizado. No Novo Jornalismo, movimento iniciado em 1960 nos Estados Unidos, o jornalista não deixa de ser um personagem da narrativa.

Na tentativa de elucidar de que forma a reportagem de Antônio Callado poderia ser reconhecida como uma referência para o jornalismo literário, é válido se debruçar um pouco mais sobre o que foi o Novo Jornalismo. Isso porque Piza, que provoca a produção desse artigo, define jornalismo literário como o tipo de textos produzidos pelos novos jornalistas. Diz Piza, ao responder um comentário ao seu texto publicado no Estadão:

(...) jornalismo literário é apenas o que se vale mais intensamente de recursos narrativos mais comuns na ficção, como o "clima", os diálogos e detalhes, assumindo mais explicitamente a subjetividade, como Norman Mailer e Truman Capote escrevendo sobre si mesmo e Tom Wolfe anotando onomatopeias etc. (PIZA, 2010).

As estratégias descritas por Piza são muito próximas às citadas por Tom Wolfe, no livro *Radical Chique* (1992). Wolfe enumera as técnicas fundamentais adotadas pelos representantes do Novo Jornalismo. Tomados de empréstimo do realismo social, estão: o registro minucioso de gestos de personagens, a descrição de costumes, hábitos e detalhamento espacial na caracterização de um evento narrativo, a construção cena-a-cena e a presença de diálogos como recurso para caracterização dos personagens.

Na reportagem de Callado, tais recursos estão presentes. O trecho em que repórter conta como os ossos foram encontrados traz tais elementos:

Durante meses a fio Orlando Villas Boas, o maior amigo branco que tem os Calapalo, interrogou pacientemente acerca do explorador inglês desaparecido. Quando os Calapalo desconversam, aborrecidos, o sertanista falava noutra coisa. Um dia, quando todos fumavam no terreiro, Villas Boas aguilhou Cuiuli, um dos índios mais velhos dos Calapalo.



- Aposto como você não sabe onde estão os ossos do coronel Fawcett.
  - Sei! Foi a resposta.
  - Se sabe me leve lá.
- Os índios se entreolharam. Villas Boas, que já explorara a vaidade intelectual do que orgulhosamente dissera saber, explorou a vaidade física de todos os chefes.
- Dou aos chefes Calapalo uma arara vermelha se me levarem aonde estão os ossos.
- Os chefes se viram todos de penas encarnadas na orelha. De mais a mais, se confiam em algum caraíba confiam em Villas Boas, e este já se cansara de lhes dizer que os outros caraíbas não estavam mais "brabos" com a morte do "ingueresi". Só queriam era saber como tinha ele morrido. Os índios o levaram então para uma lagoinha entre o rio Culuene e seu afluente Tangúru. Subiram um barranco e, entre o chão limoso e as árvores folhudas, o atual cacique dos Calapalo, o índio Curatsi, falou das 11.15 da manhã às 2.30 da tarde, contando como ali haviam sido assassinados três homens - aparentemente Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimell. Depois disse ao sertanista:
- Cava.
- Não foi preciso cavar mais de meio metro. Não era um túmulo. Era um apressado buraco, aberto sem dúvida há muitos anos, e nele, sujos de terra e já meio enleados em raízes, uma caveira e um montão de ossos.

Com vistas ao objetivo deste projeto, faz-se necessário ver como os recursos mencionados por Wolfe se fazem presente. Estão aí o diálogo que contribui para a caracterização dos personagens, a descrição dos hábitos e costumes (o fumo compartilhado no terreiro, a desconfiança da tribo pelos "caraíbas", a vaidade dos índios que são convencidos a mostrarem o lugar onde estão os ossos em troca do ornamento), a descrição dos gestos ("os índios de entreolharam"), o detalhamento espacial (a lagoinha com "o chão limoso e as árvores folhudas") e finalmente a construção cena-a-cena (a conversa do terreiro, o caminho até a lagoa e o buraco com os ossos).

Não se pode esquecer que o livro-reportagem publicado em 1953 antecede o Novo Jornalismo e a própria noção sobre "jornalismo literário". A análise considerando as estratégias citadas por Wolfe é um recurso metodológico para que se perceba de que forma a reportagem de Callado, ainda que seja anterior as categorias estudadas sobre "jornalismo literário", pode adequar-se à terminologia.

Percebe-se, na leitura do trecho que não há gratuidade nas escolhas dos adjetivos e descrições utilizadas. Os gestos, cenários e diálogos só são descritos porque contribuem para a produção de sentido pretendida pelo texto. A literalidade, ou o objeto da literatura, como já conceituado, está na reportagem de maneira contundente. A constatação de Piza sobre o texto de Callado poder ser referenciado como jornalismo literário, de fato, se confirma.

## O "literário" não esvaziado

Para reforçar a avaliação de que o literário no jornalismo de Callado não está presente apenas como ornamento, é válido investigar de que forma os recursos literários, quando conscientemente aplicados no jornalismo, são amplificadores de sentidos do que está sendo narrado. Nessa noção estaria, fundamentalmente, o jornalismo que se pretende literário.

Marcelo Magalhães Bulhões (2007) contribui para o entendimento desse aspecto ao falar sobre o potencial da literatura para a produção de sentidos em um texto:

Uma das maneiras de compreender o poder de atração da literatura é vê-la como um receptáculo de nossas necessidades de fantasia. É como se ela nos sinalizasse com uma espécie de permissão: a de ser por excelência território da imaginação e do desejo, espaço exilado das obrigações e dos limites que cerceiam nossa vida cotidiana. A literatura seria, pois, uma instância em que sintonizamos a frequência de nossas necessidades psíquicas de ficção. A literatura não é o único, claro, mas um dos caminhos mais generosos para esse exercício. (BULHÕES, 2007, p. 167).

Ao utilizar características literárias em seu texto, Callado conseguiria dialogar com "nossas necessidades psíquicas de ficção". Audálio Dantas (1997, p.13), explica que uma reportagem tocada pela literatura faz parecer que estamos lendo ficção. Sem deixar de lado a informação jornalística, a reportagem que traz literalidade pode ser um "receptáculo de nossas necessidades de fantasia", aumentando, assim, nossa disposição sobre o que está sendo lido.

O fragmento do livro-reportagem "Esqueleto da Lagoa Verde" que explica como começou a obsessão de Fawcett pela cidade perdida poderia estar facilmente em um livro sobre ficção ou em um filme do Indiana Jones. Fawcett, ainda quando era um jovem oficial, fez pesquisa arqueológicas no Ceilão, um território português no que hoje é o Sri Lanka. Descobriu inscrições antigas que, anos depois, seriam associadas por ele a outros inscritos perdidos na selva brasileira registrados em um livro escrito por bandeirantes.

(...) o jovem Fawcett um dia, em plena floresta, foi surpreendido por uma tempestade tropical. Vagou a noite inteira sob a chuva e de manhã, quando as nuvens pesadas se dissiparam, encontrou-se diante de uma imensa pedra coberta de parasitas e cipós. Uma das cordas do cipó se desprendera, mostrando na superfície da rocha umas inscrições antigas. Fawcett as copiou e as levou a um sacerdote cingalês que interpretou os caracteres como sendo dos budistas Asoka - mas cifrada, intraduzível. Um especialista do Instituto Oriental de Oxford confirmou o que

dissera o sacerdote, acrescentando que ele próprio era a única criatura capaz de entender as estranhas inscrições, mas que mesmo ele precisaria lê-las na própria pedra pois o significado dos caracteres se alteraria de acordo com a incidência dos raios do sol, a certas horas do dia... Ora qual não terá sido o entusiasmo, a emoção de Fawcett ao ver que, em 1753, bandeirantes brasileiros haviam copiado, numa cidade abandonada do interior do Brasil, caracteres que coincidiam com os que ele surpreendeu no seio da floresta de Taprobana, riscados numa rocha coberta de parasitas e cipós? No rastro de que formidável descoberta estaria ele? (CALLADO, p. 114, 1977).

O trecho pode exemplificar de que forma o jornalismo pode, utilizando recursos da literatura, instigar a curiosidade do leitor da reportagem como se ele estivesse lendo uma aventura fictícia. Estratégias como esta podem ser consideradas "trancos estéticos" que, como sugere Ciro Marcondes Filho (2014), são fundamentais para que aconteça uma comunicação de fato entre enunciador e destinatário.

O "literário" presente do termo "jornalismo literário" não é, portanto, a utilização de descrições que apenas ornamentam o texto. Ele não deve ser sinônimo para todo texto que foge dos moldes tradicionais. Para que uma reportagem seja categorizada como tal ela precisa trazer essa dimensão estética capaz de amplificar o sentido do que está sendo narrado. Desenvolvida a análise da reportagem de Callado com base nas definições teóricas sobre esse tipo de jornalismo, pode-se concordar com Daniel Piza: "Esqueleto da Lagoa Verde pode servir de contraponto ao que hoje no Brasil tem se confundido demais como 'jornalismo literário'".

## Referências bibliográficas

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CALLADO, Antônio. **Esqueleto na Lagoa Verde. Vietnã do Norte: advertência aos agressores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac, 1997

FAUSTO NETO, Antonio. Enunciação, autorreferencialidade e incompletude. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n° 34, dezembro de 2007. Quadrimestral. p. 78-85.

KLEIN, Eloísa Joseana da Cunha. **Autorreferencialidade e jornalismo**: reflexões teórico-analíticas sobre a processualidade além do discurso intencional da mídia. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é livro reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a Máquina**. O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.